

TEORIA GEOGRÁFICA: em foco paisagem

Wanderlei Batista Nunes¹  

NUNES, Wanderlei Batista. TEORIA GEOGRAFICA TEÓRIA GEOGRÁFICA: Em Foco Paisagem: TEORIA GEOGRÁFICA. *Espaço em Revista*, Catalão, v. 27, n. 1, p. 327-341, 2025. DOI: <https://doi.org/10.70261/er.v27i1.74889>
Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/74889>

Esta obra está licenciada com uma Licença [CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.



Recebido: 06/12/2024 | **Aceito:** 03/07/2025 | **Publicado:** 08/07/2025

Resumo

O estudo da Geografia é de grande relevância para o desenvolvimento da humanidade, visto que a mesma possibilita a compreensão da relação do homem com a natureza e as suas conseqüências. Podemos aferir sem dúvidas que a Geografia é a ciência que elabora teorias sobre a relação entre o ser humano e a natureza utilizando cinco grandes categorias de análise: espaço geográfico, paisagem, território, região e lugar. Esses conceitos possuem diferentes correntes teóricas e significados, desenvolvidos desde o século XVIII. A vista do exposto esse artigo busca discutir a Teoria Geográfica da Paisagem, a partir de uma discussão teórica pautada em autores como Cosgrove (1998), Claval (2001), Cavalheiro (2004), Corrêa (2005), Rocha (2011) entre outros que dissertaram sobre o conceito de paisagem e sobre a sua teoria. Assim, observou-se que a Teoria Geográfica da Paisagem, portanto, não só amplia a compreensão do espaço geográfico como também oferece ferramentas práticas e teóricas para abordar questões contemporâneas relacionadas ao desenvolvimento sustentável e à conservação ambiental.

Palavras-chave: Geografia. Natureza. Espaço geográfico.

GEOGRAPHICAL THEORY: land scape in focus

Abstract

The study of Geography is of great importance to the development humanity, as it makes it possible to understand man's relationship with nature and its consequences. Geography is the science that develops theories about their relationship between human being and nature using five main categories for analysis: geographical space, landscape, territory, region and place. These concepts have different theoretical meanings, developed since the 18th century. In view of what has been stated above, this article discusses the Geographical Theory of Landscape, based on a theoretical discussion of authors such as Cosgrove (1998), Claval (2001), Cavalheiro (2004), Corrêa (2005), Rocha (2011) and others who have dissertated on the concept of landscape and its theory. Thus, it was observed that the Geographical Theory of Landscape not only broadens the understanding of geographical space, but also offers practical and theoretical tools to address contemporary.

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Catalão, Goiás, Catalão (GO) e-mail: wandybn@gmail.com



Keywords: Geography. Nature. Geographic space.

INTRODUÇÃO

A Geografia, do grego geo. e do latim grafos, é uma ciência que se ocupa dos estudos da Terra, ou seja, do espaço geográfico e tudo que o compõe, desde aspectos físicos até as relações entre o ambiente natural e a sociedade. Oliveira et al., (2019) também aponta que o nome geografia (descrever a Terra) foi uma criação grega, povos que originalmente se preocuparam com a sistematização desse conhecimento.

Nesse contexto, observa-se a relevância dessa ciência para o desenvolvimento da humanidade, e para a compreensão das relações da humanidade com a natureza e seus elementos. A interação das sociedades humanas com a natureza é essencial para a sobrevivência e continuidade desses grupos (Oliveira et al.,2019).

Nesse processo, o espaço é transformado significativamente para atender às necessidades sociais. Essa organização faz parte do cotidiano humano há séculos, remontando a tempos pré-históricos dos quais sabemos pouco de maneira objetiva. Mesmo assim, o homem já moldava o espaço, o que faz da Geografia um produto presente desde as primeiras ocupações humanas no planeta, ainda que de forma inconsciente. Por isso, a Geografia possui um caráter interdisciplinar, abrangendo uma variedade de saberes e conhecimentos. Assim, ela é concebida como "a ciência que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) o espaço produzido pelo homem" (Callai, 1998, p. 57).

Observa-se assim, que sem o conhecimento da Geografia, o homem não teria conseguido atingir ao atual estágio evolutivo. Bem antes de a Geografia ter sido sistematizada enquanto ciência independente, situação esta que aconteceu tardiamente já no século XIX, os conhecimentos geográficos já eram amplamente utilizados em benefício dos grupos populacionais (Oliveira et al., 2019).

A cerca das primeiras organizações societárias Andrade (1987, p. 20) destaca que “[...] mesmo sem possuírem a escrita, transmitindo os conhecimentos através da versão oral e dos desenhos em rochas e em cavernas, passadas de geração a geração, tinham uma concepção de vida e uma cultura, ambas impregnadas de idéias geográficas”, portanto, não deixavam de também estarem produzindo Geografia. É por isso que a história da Geografia tem início com a história do homem na Terra.



Assim, a Geografia é a ciência que desenvolve teorias sobre a relação entre o humano e a natureza por meio de cinco grandes categorias de análise: espaço geográfico, paisagem, território, região e lugar, sendo que estes conceitos possuem diferentes correntes teóricas e significações desenvolvidas desde o século XVIII como aponta Rocha (2001).

Definida como o ramo científico que estuda a sociedade e sua organização sobre o espaço, a Geografia busca explicar como o ser humano explora e dispõe dos recursos da natureza (Andrade, 2018). Segundo Pichitelli, Rodriguero e Lopes (2015), o conceito de espaço geográfico é muito amplo e começou a ser mais discutido a partir da década de 1950, quando a Geografia crítica rompeu os paradigmas da Geografia clássica, que limitava o espaço a um recipiente de ações humanas, sendo apenas descrito e não compreendido de fato. A paisagem é intrínseca ao espaço geográfico e seu estudo é o ponto de partida para sua compreensão.

Observa-se que discutir o conceito de paisagem é algo muito importante para o ensino de Geografia, pois, como citado pelos autores, ele relaciona-se ao conceito de espaço geográfico. A partir do conceito de paisagem advém a “concepção de que os espaços têm uma forma (paisagem) que expressa seu conteúdo (o movimento social), de que a paisagem revela as relações de produção da sociedade, seu imaginário social, suas crenças, seus valores, seus sentimentos” (Cavalcanti, 2010, p. 53). Neste sentido, Farias (2007, p. 9) afirma que:

A paisagem deve ser assumida como um tema de estudo do espaço geográfico. Na paisagem encontram-se diversos elementos e objetos, em várias formas, cultural e historicamente construídos pelas sociedades com a mediação do trabalho e em constante transformação. (Farias, 2007, p. 9).

A paisagem, como tema de estudo do espaço geográfico, revela-se fundamental para compreender a complexa interação entre natureza e sociedade. Ela é composta por elementos e objetos que, ao longo do tempo, foram cultural e historicamente moldados pelas atividades humanas. A mediação do trabalho humano não só constrói a paisagem, mas também a transforma continuamente, refletindo as necessidades, valores e avanços tecnológicos das sociedades. Estudar a paisagem permite, portanto, uma análise profunda das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que configuram o espaço geográfico. Ela oferece uma visão integrada e evolutiva da relação entre o homem e o meio ambiente, destacando a contínua e mútua influência entre ambos.

À vista do exposto esse artigo busca discutir a Teoria Geográfica da Paisagem, a partir de uma discussão teórica pautada em autores como Cosgrove (1998), Claval (2001), Cavalheiro



(2004), Corrêa (2005), Rocha (2011) entre outros que dissertam sobre o conceito de paisagem e sobre a sua teoria.

O texto se organiza em quatro seções, sendo a primeira a introdução que apresenta uma contextualização da temática, além do objetivo e metodologia, seguida do tópico “Alguns aspectos históricos do conceito de paisagem” que vai discutir os diferentes conceitos de paisagem e como se desenvolveram ao longo do tempo. O terceiro tópico se volta para discutir a Teoria Geográfica da Paisagem, por fim, apresentam-se as considerações finais onde são tecidas as reflexões sobre a temática abordada ao longo de todo o texto.

ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS DO CONCEITO DE PAISAGEM

O conceito de paisagem é complexo, para compreendê-lo faz-se necessário buscar o entendimento das realidades materiais que se constituem, dinamicamente, a todo instante, pois a paisagem não é só a observação da natureza, como muitos acreditam, mas é também constituída pelas relações concretas que nela podem ser percebidas.

Perante o desenvolvimento da Geografia como ciência, diversas foram as correntes de pensamento geográfico que se fizeram presentes, tais como: 1) Geografia tradicional; 2) Geografia teórico -quantitativa; 3) Geografia humanística; 4) Geografia crítica, entre outras. Em cada uma destas correntes de pensamento, o conceito de paisagem foi desenvolvido de formas variadas, ocupando mais ou menos espaço em suas definições.

Denominamos de Geografia tradicional um conjunto de correntes que coexistiram durante o período de 1870, quando a Geografia se institucionalizou como uma ciência acadêmica, até aproximadamente 1950, período em que ocorreu a denominada revolução teórica-quantitativa (Corrêa, 2000). Essa vertente tradicionalista tinha o Positivismo como principal fundamento filosófico.

Do mesmo modo, para Corrêa (2005) Geografia tradicional, na diversidade de suas traduções, fez prevalecer os conceitos de paisagem e região, implicando, assim, na instituição de um debate sobre o objeto da Geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. De acordo com o autor, “os debates incluíam os conceitos de paisagem, região natural e região-paisagem, [...] paisagem cultural, gênero de vida e diferenciação de área” (Corrêa, 2005, p. 17).

O conceito de paisagem é plural e, na ciência geográfica, observa-se uma grande diversidade de concepções (Silva; Carmo; Araújo, 2021), das quais a mais remota está



relacionada ao conceito artístico, ou seja, às pinturas que eram encontradas nas cavernas desde o começo da humanidade. O conceito de paisagem tem uma relação com o surgimento da vida humana na Terra, e isso fica evidente nas representações de pinturas rupestres que datam entre 30 mil e 10 mil anos a.C. Tais ilustrações são consideradas como os “registros mais antigos que se conhecem da observação humana sobre a paisagem” (Maximiano, 2004, p. 84).

A forma como os pintores tratavam a paisagem em suas obras influenciou muito sobre o conceito de paisagem da época. Segundo Maximiano (2004), na Antiguidade Ocidental o antropomorfismo fazia parte das representações paisagísticas, enquanto na Antiguidade Oriental, a natureza era marcada pelo cosmocentrismo. A cultura influenciava muito nas representações das paisagens.

Na antiguidade oriental, a natureza e os aspectos culturais sempre estiveram em função da reflexão dos acontecimentos do cotidiano, enquanto na Europa (centro econômico e comercial do mundo naquele momento histórico) o Homem se achava em um estágio superior ao da Natureza. Esta, por sua vez, não era vista como um organismo vivo, e sim como uma forma representativa e passível de descrições. Neste caso, o homem assumia formas de Deuses e de elementos da natureza (Barros, 2007).

Cosgrove (1998) explica que o conceito de paisagem foi introduzido no período do Renascimento europeu (início do século XV até fins do século XVI) com o objetivo de apontar uma relação entre o homem e o seu ambiente, uma vez que tal conceito, a princípio, era relacionado apenas à paisagem natural, ou seja, aos elementos da natureza (vegetação, solo, rios etc.), de modo que o homem não era entendido como sujeito que atuava nessa relação.

Claval (2001) corrobora com o pensamento do surgimento do termo paisagem data do século XV. Seu fundamento teórico inicial era a aplicação a pedaços da natureza, ou seja, o que era passível de ser visto pela janela, o que estava ao alcance dos olhos ou ainda uma espécie de retrato, de modo que os personagens tinham um papel apenas secundário nessa relação.

Desde a “antiguidade, podia-se perceber o uso do termo paisagem em função do conhecimento da realidade, ou seja, era necessário o conhecimento das realidades políticas, ambientais, socioeconômicas para entender e dialogar com a paisagem” (Barros, 2007, p. 12).

Segundo Maximiano (2004), desde o Império Egípcio, passando pela Mesopotâmia, Roma, até a Idade Média, o conceito de paisagem estava sempre presente na organização espacial, representado, às vezes, pelo uso e ocupação do solo (plantio de alimentos no Egito), pelos jardins monumentais da Europa, pelos parques públicos romanos e outros.



A construção do conceito de paisagem, que primeiro se associou ao olhar dos artistas para representar o que estava à sua volta e, posteriormente, para estabelecer uma ciência, esteve sempre associada às questões de representação do modo como a natureza é transformada pelo homem.

Segundo Barros (2007), a sociedade (burguesia comercial) do fim do século XVIII e início do século XIX, juntamente com o surgimento do Estado-Nação europeu, principalmente o Alemão, redefiniu a paisagem num discurso novo e, contudo, meramente científico. Essa redefinição culminou no surgimento da paisagem como categoria de estudo.

Para Christofolletti (1982, p. 81), com o surgimento da corrente Teorético-Quantitativa, a paisagem passou a ser entendida como um “sistema espacial ou organização espacial, compreendendo a estrutura dos elementos e os processos que respondem pelo funcionamento de qualquer espaço organizado”. Com a corrente humanística, em 1970, o conceito de paisagem voltou a ganhar espaço nas discussões geográficas.

Corrêa (2017) explica que no domínio desta corrente o conceito de paisagem é:

Defendido de forma diferenciada, exemplificando com Sauer, geógrafo Americano, que a interpreta como ‘o conjunto de formas naturais e culturais associadas em área’ e com Cosgrove, geógrafo britânico, para o qual ela “não é apenas morfologia, mas insere-se também no mundo dos significados, estando impregnada de simbolismo. (Corrêa, 2017, p. 41).

Desse modo, observa-se, então, que o conceito de paisagem se associa às formas naturais e culturais presentes no espaço geográfico. A Geografia crítica, que teve a intenção de inserir os estudos geográficos em um contexto social, político e econômico, teve como objetivo priorizar as questões sociais e não as puramente espaciais (Corrêa, 2005). No âmbito desta interpretação do espaço, a paisagem é apresentada como um “conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza” (Santos, 2017, p. 103).

De acordo com Santos (2004, p. 103), paisagem “[...] é o conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Pode-se afirmar que a relação homem – natureza é formadora da paisagem em que o ser humano vive e vivencia.

As paisagens são marcadas pelos significados culturais nos quais estão inseridas. Desse modo, a realidade emerge como uma nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico. Pode-se admitir que tal



fenômeno constitui-se em um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea (Farias 2007).

Apresentando uma definição de paisagem, Santos (2008) explica que esta se refere a tudo aquilo que é visível, o que a visão alcança, sendo formados por cores, movimentos, odores, sons etc., ou seja, ela é um conjunto de formas heterogêneas, de diferentes tempos históricos de construção do espaço.

Para Claval (2004), a paisagem não se limita à descrição do meio ambiente no qual vivem e trabalham os homens, ela vai além. O que se procura compreender são as relações complexas estabelecidas entre os indivíduos e os grupos, o ambiente que eles transformam e as identidades que ali nascem ou se desenvolvem. A paisagem não é uma imagem estática de algo natural, mas uma construção social que representa a cultura e as complexas relações de poder que formam a(s) identidade(s).

O autor destaca que “não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que os afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e a conservação das paisagens” (Claval, 1999, p. 420).

Em sua produção científica, Claval (1999) não só atribui ao homem a responsabilidade de transformar a paisagem, como destaca que diferentes grupos culturais são capazes de provocar transformações diferenciadas, criando uma preocupação maior com os sistemas culturais do que com os próprios elementos físicos da paisagem. Não se trata mais da interação do homem com a natureza na paisagem, mas sim de uma forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo nela os seus marcos e significados.

Nesta perspectiva, a paisagem é a realização e materialização de idéias dentro de determinados sistemas de significação. Ela é humanizada, não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar. Cria-se a paisagem como uma representação cultural. A partir do exposto pelos autores, Claval (1999), Farias (2007) e Santos (2008), observa-se que a paisagem se configura como uma marca da civilização da qual o homem faz parte. Portanto, compreendê-la constitui um modo de se relacionar com ela. O que não é diferente no processo de ensino e aprendizagem desse conceito, pois este conteúdo, embora seja complexo de ser ensinado em sua plenitude, pode facilmente ser compreendido pelos alunos a partir do momento que deixa de ser entendido apenas como algo abstrato e ganha relevância e significação no cotidiano dos estudantes.



TEORIA GEOGRÁFICA DA PAISAGEM

Como discutido a paisagem é resultado da interação entre o potencial ecológico (combinação dos fatores geomorfológicos, climáticos e hidrológicos), a exploração biológica (conjunto dos seres vivos e o solo) e a ação antrópica (Rocha, 2011). Nesse sentido, Rocha (2011) qualifica a paisagem como natural, visual, cultural, social, antroponatural e percebida, sendo entendida como um sistema de recursos explorados e ou conservados, ambiente e suporte físico para a biodiversidade e fonte de percepções para quem a utiliza e usufrui.

A paisagem é uma categoria de análise, pesquisa e estudo utilizada e desenvolvida não somente pela Geografia, mas também pela Arquitetura, Agronomia e Ecologia, entre outras. Constata-se a existência da Ciência da Paisagem, da Arquitetura da Paisagem e da Ecologia da Paisagem desenvolvidas por estas áreas.

Os autores Silva, Sousa e Farias (2023) em seus estudos apontam que a Teoria da Paisagem apresenta contribuições até mesmo para a área da Geografia da Saúde, que pode fornecer entendimento espacial da saúde de uma população, a distribuição de doenças em uma área, e os efeitos ambientais na saúde e nas doenças.

A Teoria Geográfica da Paisagem é uma abordagem que busca compreender as complexas interações entre os elementos naturais e humanos presentes no espaço geográfico. Esta teoria se baseia em uma análise integrada que considera a paisagem como um produto dinâmico e em constante transformação, resultante tanto de processos naturais quanto das atividades humanas (Rocha, 2011).

“A principal contribuição da Teoria Geográfica da Paisagem está na compreensão e análise da paisagem como um sistema, cujos condicionantes naturais e antrópicos são considerados em seu estudo e planejamento, realizado em diferentes escalas” (Rocha, 2011, p. 22).

A Teoria Geográfica da Paisagem oferece uma perspectiva valiosa ao tratar a paisagem como um sistema integrado, onde fatores naturais e antrópicos são considerados conjuntamente. Esta abordagem sistêmica permite uma compreensão mais holística da paisagem, reconhecendo que elementos físicos, biológicos e humanos estão interligados e se influenciam mutuamente.

Ao incorporar essas dimensões no estudo e no planejamento da paisagem, a teoria promove uma análise mais abrangente e precisa aplicável em diferentes escalas espaciais. Isso é crucial para o desenvolvimento de estratégias eficazes de gestão ambiental e ordenamento territorial, pois considera as complexidades e interdependências que caracterizam os espaços



geográficos. Portanto, a principal contribuição desta teoria reside na sua capacidade de integrar múltiplos fatores e escalas, proporcionando um entendimento mais completo e dinâmico da paisagem.

Nesse sentido, Rocha (2011) analisa a paisagem urbana onde se pode observar que componentes naturais do meio físico foram transformados pela ação antrópica, sendo destaque do autor:

- Clima: alterações de temperatura e precipitação e ocorrência de ilha de calor e domo de poluição, etc.;

- Relevo e solo: alterações por corte e aterro de terrenos, desmontes de morros, aterramentos de mangues e brejos, movimentos de massa, poluição e contaminação de solo, alteração da fertilidade e acidez do solo, etc.;

- Água: retificação, assoreamento e canalização de cursos d'água, ocupação do entorno de nascentes, grandes inundações, poluição dos cursos d'água e dos lençóis freáticos por esgotos e efluentes sem tratamento, etc.

- Vegetação: supressão ou alteração da vegetação nativa, introdução de espécies exóticas, baixa diversidade florística, etc. (Rocha, 2011, p. 24).

O trecho aborda de maneira abrangente os impactos das atividades humanas sobre diversos elementos naturais, destacando as alterações no clima, relevo, solo, água e vegetação. Essas modificações refletem a profunda e, muitas vezes, destrutiva intervenção humana no meio ambiente. As alterações de temperatura e precipitação, junto com fenômenos como ilhas de calor e domos de poluição, evidenciam como o clima é vulnerável às ações antrópicas.

No relevo e solo, práticas como cortes de terrenos, aterros e poluição impactam negativamente a estabilidade e a fertilidade do solo, além de desencadear movimentos de massa perigosos. A manipulação dos recursos hídricos, através da retificação e canalização dos cursos d'água, assim como a poluição por efluentes, prejudica os ecossistemas aquáticos e a disponibilidade de água potável. Por fim, a supressão da vegetação nativa e a introdução de espécies exóticas diminuem a diversidade florística e afetam os equilíbrios ecológicos.

Este panorama evidencia um desenvolvimento urbano a partir da modificação das paisagens sem muito planejamento, o que emerge na necessidade urgente de práticas de desenvolvimento mais sustentáveis que respeitem e preservem o meio ambiente para garantir a sobrevivência e bem-estar das gerações futuras.

Por isso, a paisagem urbana deve ser estudada em todas as suas heterogeneidades naturais, analisando-se seu suporte e sua cobertura, buscando entender as razões da existência



de corpos d'águas, brejos, afloramentos rochosos, etc.; a paisagem pode ser “um município, um bairro ou uma área de parque e, como detalhe, um rio, um lago, um pântano, uma montanha, áreas mais ou menos urbanizadas, uma rua, uma praça” (Cavalheiro et al., 2003).

Dessa forma, Rocha (2011) ao estudar a Teoria Geográfica da Paisagem analisa a paisagem urbana de três localidades brasileiras, quais sejam as paisagens resultantes do Plano Piloto de Brasília e do Parque Ibirapuera não foram produto de um planejamento que considerasse a paisagem como integral e, tampouco, baseado na busca do equilíbrio entre a paisagem natural pré-existente e a ação antrópica.

Já no Parque Natural Municipal de Marapendi, percebe-se que sua paisagem está além dêem outro contexto histórico da problemática ambiental, contemplada em parte com um planejamento que busca entender a paisagem como “resultante da integração dinâmica (...) dos elementos de suporte e cobertura – físicos, biológicos e antrópicos” (Monteiro, 2000).

A partir de suas análises Rocha (2011) reitera o que Cavalheiro (2004) afirmou sobre o desejo de "Domínio do Selvagem", refletido no estilo Barroco, ainda persiste em diversos exemplos que mostram, em maior ou menor grau, essa aspiração de controle sobre a natureza, muitas vezes desconsiderando suas leis. Exemplos disso são as novas cidades criadas próximas a represas, como Ilha Solteira e Porto Primavera no Estado de São Paulo, ou Palmas, capital do Estado de Tocantins. Outros exemplos podem ser encontrados no município de São Paulo, onde áreas de várzea, como as do rio Tietê, são ocupadas e obras de engenharia são realizadas na tentativa de controlar as inundações.

Portanto, a Teoria Geográfica da Paisagem oferece várias contribuições importantes para a compreensão e análise do espaço geográfico. Algumas dessas contribuições incluem a integração de elementos naturais e humanos, pois teoria permite uma abordagem holística, integrando elementos naturais e humanos na análise da paisagem, facilitando a compreensão das interações entre sociedade e ambiente. Além, de promove uma visão interdisciplinar, combinando conhecimentos de geografia, ecologia, sociologia, urbanismo e outras áreas, o que enriquece a análise e compreensão da paisagem.

A Teoria Geográfica da Paisagem ainda enfatiza a natureza dinâmica e em constante transformação das paisagens, refletindo as mudanças culturais, sociais, econômicas e ambientais ao longo do tempo. A teoria ajuda a entender como as paisagens foram moldadas por processos históricos e culturais, revelando a influência das práticas humanas passadas na configuração atual do espaço. Além, de fornece uma base teórica para o planejamento e gestão ambiental, ajudando a desenvolver estratégias mais sustentáveis e eficientes para o uso e



conservação dos recursos naturais. Facilitar a identificação e avaliação dos impactos das atividades humanas sobre o meio ambiente, contribuindo para a formulação de políticas e ações mitigadoras.

A Teoria Geográfica da Paisagem, portanto, não só amplia a compreensão do espaço geográfico como também oferece ferramentas práticas e teóricas para abordar questões contemporâneas relacionadas ao desenvolvimento sustentável e à conservação ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou discutir a Teoria Geográfica da Paisagem, sendo ponto de destaque o conceito de paisagem nas correntes de pensamento geográfico. Na geografia tradicional, a paisagem é vista principalmente como um cenário físico, composto por elementos naturais visíveis, como montanhas, rios e florestas. Esse enfoque enfatiza a descrição e a classificação dos aspectos físicos da Terra, tratando a paisagem como uma entidade estática e objetiva a ser catalogada e mapeada. A análise da paisagem nesta perspectiva é mais descritiva e se preocupa com a observação direta e a representação cartográfica.

Com o surgimento da geografia teórico-quantitativa, o foco se desloca para a análise espacial e o uso de métodos quantitativos. Aqui, a paisagem é entendida como um conjunto de dados que podem ser medidos, modelados e analisados estatisticamente. Esta abordagem enfatiza a regularidade espacial e a busca por padrões e leis gerais que governam a distribuição dos fenômenos geográficos, tratando a paisagem como um sistema a ser analisado objetivamente.

A geografia humanística introduz uma dimensão subjetiva ao conceito de paisagem, reconhecendo a importância da percepção, experiência e significado humano. Nessa perspectiva, a paisagem não é apenas um conjunto de elementos físicos, mas também uma construção cultural carregada de valores, simbolismos e emoções. A análise da paisagem envolve compreender como as pessoas percebem, interpretam e atribuem significados aos seus ambientes, destacando a relação íntima entre o ser humano e o lugar.

A geografia crítica oferece uma visão ainda mais complexa da paisagem, abordando-a como um produto das relações de poder, ideologia e conflito social. Nesta abordagem, a paisagem é vista como uma expressão material das dinâmicas sociais e econômicas, refletindo desigualdades, disputas e processos históricos de dominação e resistência. A análise crítica da



paisagem busca revelar as forças estruturais que moldam o espaço, questionando a naturalização das configurações espaciais e propondo transformações sociais e espaciais.

Portanto, o conceito de paisagem na geografia evoluiu de uma visão descritiva e física para uma compreensão multifacetada que integra dimensões objetivas, subjetivas e críticas. Cada corrente de pensamento oferece contribuições valiosas para a análise geográfica, permitindo uma compreensão mais rica e aprofundada da relação entre o ser humano e seu ambiente.

A partir destes conceitos foi possível observar as contribuições da Teoria Geográfica da Paisagem que não apenas amplia a compreensão do espaço geográfico, mas também fornece ferramentas práticas e teóricas para enfrentar questões contemporâneas relacionadas ao desenvolvimento sustentável e à conservação ambiental. Portanto, sendo de fundamental importância para que a humanidade na atualidade possa continuar se desenvolvendo de forma preocupada com as consequências das suas ações frente a modificação da paisagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, R. B. Currículo e o Ensino De Geografia: Orientações Curriculares e Educopédia Na Secretaria Municipal De Educação Do Rio De Janeiro. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v.10, n.2, p.36-44, 2018. Edição Especial com artigos publicados originalmente na XII ENANPEGE <http://seer.ufrgs.br/paraonde>.

BARROS, R. G. O conceito de Paisagem nos livros didáticos da 5ª série do Ensino Fundamental. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Geografia – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2007.

CALLAI, H. C. **A Geografia e a Escola**: Muda a Geografia? Muda o Ensino? Revista Terra Livre, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001.

CAVALHEIRO, F. Intervenção na paisagem: planejamento de espaços livres. In: SANTOS, J.E. *Faces da polissemia da paisagem: ecologia, planejamento e percepção*. São Carlos: Rima/FAPESP, 2004. v. 2, p. 449-455.

CAVALHEIRO, F.; PRESOTTO, A.; ROCHA, Y.T. Planejamento e projeto paisagístico e a identificação de unidades de paisagem: o caso da Lagoa Seca do Bairro Jardim América, Rio Claro (SP). **Geosp**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2003.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2010.



CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CLAVAL, P. O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In: ROSENDAHL, Z e CORRÊA, L. R. (org). Matrizes da Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagens, texto e identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ. p. 13-74. 2004.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 15-47.

CORRÊA, J. S. Geografia Cultural: uma breve história. In: 3º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL: o lugar e as disputas da geografia no espaço, v. 3, p. 36-51, 2017.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

FARIA, D. R. “A Paisagem como Tema de Estudo na 5ª Série Do Ensino Fundamental”. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e História de Ciências da Terra, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RA E GA**, n. 8, p. 83-91, Curitiba: UFPR, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>. Acesso em: 22 de jun. de 2024.

OLIVEIRA, E. R.; SOUZA, T. E.; ALMEIDA, M. F.; TAVARES, H. R. R. O Papel E Importância Da Ciência Geográfica Enquanto Ferramenta De Emancipação Social:O Contexto Escolar. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 26, p. 171-183, Out/Dez 2019

PICHITELI, M. A.; RODRIGUERO, C. R. B.; LOPES, C. S. A Compreensão Do Conceito De Paisagem Pela Criança De 7 A 11 Anos: Um Estudo Na Abordagem Piagetiana. *Anais... Encontro Anual de Iniciação Científica*, 2015.

ROCHA, Y. T. **Parques urbanos**: um recorte de São Paulo e suas potencialidades para o turismo. *Geosp*, São Paulo, n. 9, p. 80-89, 2001.

ROCHA, Y. T. TEORIA GEOGRÁFICA DA PAISAGEM NA ANÁLISE DE FRAGMENTOS DE. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 1, n. 15, 2011. DOI: 10.33081/formacao.v1i15.733. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/733>. Acesso em: 22 jun. 2024.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**; técnica e tempo, razão e emoção. 4º edição, São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: EDUSP, 2008.



SANTOS. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4. ed, São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, N. S.; CARMO, J. A.; ARAÚJO, K. F. A abordagem da categoria paisagem proposta pela nova base nacional comum curricular (BNCC) para a geografia no 6º ano do Ensino Fundamental. **Revista Equador (UFPI)**, vol. 10, nº 2, Ano, 2021, p. 109 – 130. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador>. Acesso em: 22 de jun. de 2024.

